

POSSE NO RIO GRANDE DO NORTE ACREDITA-SE QUE EXISTAM 39 MUNICÍPIOS COM 60 REMANESCENTES DE QUILOMBOS

Negros buscam suas terras

Ao longo de décadas a fio ignorados pelo resto da sociedade e recolhidos aos confins de seus redutos, as comunidades remanescentes de quilombos têm sido vistas com um olhar diferente nos últimos anos. Apesar de lento e gradativo, o processo de retomada de suas identidades não teria iniciado se eles próprios não tivessem se auto-afirmado como grupos negros e, assim, reivindicado o pertencimento a seus territórios. O desconhecimento sobre a origem exata dos quilombolas e o número real da população ainda é um dos fatores que dificulta a inserção desses grupos étnicos nas políticas públicas. No Rio Grande do Norte, estima-se que haja remanscentes em 39 municípios, totalizando algo em torno de 60 comunidades. A maioria, no entanto, não tem estudos que atestem ou ao menos possam dar subsídios técnicos sobre a relação histórica com os escravos.

VIKTOR VIDAL

DA EQUIPE DE O POTI

Mobilização data de 2003

Um olhar mais apurado foi lançado às comunidades negras rurais quando o governo federal publicou o decreto 4887 (20 de novembro de 2003) regulamentando o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos. Com isso, esses grupos teriam a posse legal de suas terras - ocupadas há mais de um século - e acesso às políticas públicas.

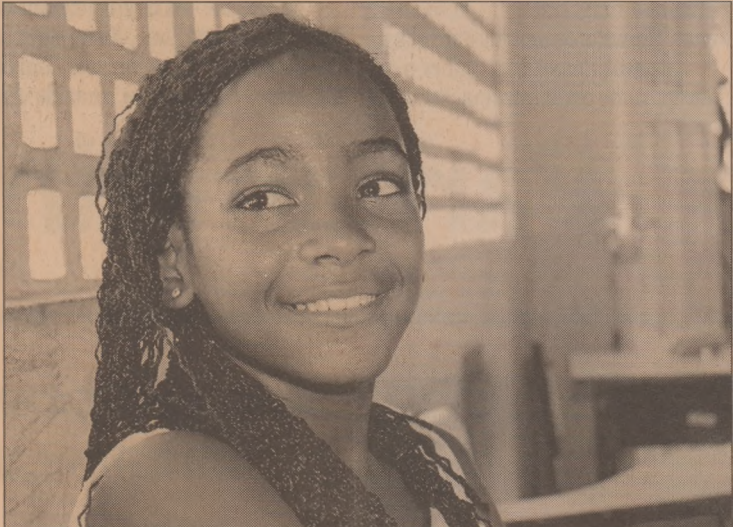
No RN, o trabalho foi iniciado em 2006, quando o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) firmou um convênio com a Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) para a elaboração de relatórios antropológicos de três comunidades que se auto-afirmam remanescentes de quilombos: Sibaúma (Tibau do Sul), Jatobá (Patu) e Acauã (Poço Branco). Cinco antropólogos trabalharam na confecção dos estudos.

“O relatório procura mostrar os elementos históricos, culturais, idêia de coletividade, organização do modo de vida e qual a relação deles com o território”, explica o professor de Antropologia da UFRN, Luiz Assunção. Em resumo, ele diz que o estudo busca subsídios técnicos para o processo de titulação das terras. Além disso, os antropólogos trabalham a delimitação dos territórios, avaliando limites e localização.

Na semana passada, a UFRN entregou ao Incra relatórios de mais três comunidades: Capoeira dos Negros (Macaíba), Boa Vista dos Negros (Parelhas) e Macambira (Lagoa Nova). Para as seis comunidades que agora têm o relatório pronto, os próximos passos são o reconhecimento pela direção nacional do Incra e posteriormente a titulação das terras. Isso garante principalmente a garantia de políticas públicas como o acesso a créditos rurais.

“Esse trabalho é muito importante para essas comunidades que sempre foram excluídas e invisíveis”, afirma o superintendente regional do Incra, Paulo Sidney Gomes. Segundo ele, justamente pela dificuldade no processo de reconhecimento, a situação de terras nas comunidades remanescentes de quilombos é mais demorada do que em outras áreas rurais. Até hoje, esse direito ainda não foi concedido a nenhuma comunidade quilombola no estado. “Mas essas seis primeiras comunidades tiveram conluída uma fase importante de todo esse processo”, acrescenta Gomes. Ele afirma que, dentro do processo de identificação e reconhecimento das terras, é dado o direito de contestação a cada uma das comunidades analisadas.

Fotos: Frankie Marccone/DN



Ingryd Moura se interessa e pratica a cultura quilombola no seu cotidiano

Identidade quilomba está na educação

A educação das crianças de Capoeira dos Negros se resume à Escola Municipal Santa Luzia. São oito professores dando aula para 186 alunos até 15 anos. Depois disso, a partir do sexto ano, a escola mais próxima fica no distrito de Traíras. A identidade quilombola passou a fazer parte dos estudos com mais força desde que as mobilizações das comunidades negras rurais intensificaram nos últimos anos.

“Os alunos passaram a ter mais conhecimento do assunto com a vi-

sibilidade que o tema ganhou. Outras escolas fazem visita à comunidade para mostrar como é a vida dos quilombolas”, diz o diretor da escola, Antônio Moreira de Lima. Segundo ele, embora consiga atender à necessidade dos alunos, o colégio precisa uma melhor estrutura física. “Temos três salas e uma delas é adaptada. Mas o maior problema é na manutenção”, revela.

A estudante Ingryd Tayná San-

tos Moura, 10 anos, é aluna da quarta série da escola Santa Luzia. Estudando para ser dentista, seu dia-a-dia se divide entre a escola e casa, onde ajuda a avó nos afazeres domésticos. A mãe trabalha como auxiliar de enfermeira no município de Bom Jesus. A única vez que saiu da comunidade foi para participar de um evento sobre quilombolas em Natal. “A gente estuda isso”, diz a estudante, que tem características bastante acentuadas de afro-descendente.

LOCAIS - COMUNIDADES NEGRAS RURAIS DO RN



Capoeira dos Negros é o maior grupo

Resquícios da cultura afro-descendente se misturam à urbanização na comunidade de Capoeira dos Negros, maior grupo quilombola do Rio Grande do Norte, localizada na zona rural de Macaíba. Ainda principal atividade econômica do local, a agricultura contribui para a fixação dos moradores no território. Apesar disso, o desenvolvimento facilitou o contato dos negros de Capoeira com o “mundo externo”, miscigenando a comunidade.

Com cerca de 2 mil moradores (cerca de 230 famílias), Capoeira dos Negros tem apenas uma escola municipal (Ensino Fundamental) e um

posto de saúde, cuja visita do médico se dá uma vez por semana. A energia veio chegar há 18 ou 20 anos. Água por adutora, há 14. “Muita coisa mudou por aqui ao longo do tempo, mas a gente precisa de mais atenção do poder público”, diz o presidente da Associação Quilombola dos Moradores de Capoeira, Manoel Batista.

Para sobreviver, quem não trabalha na agricultura precisa sair da comunidade para trabalhar como assalariado em empresas, fazendas ou, no caso das mulheres, com o serviço doméstico na capital. É o caso da família de José Denilson da Silva, de 13 anos. “Quero seguir a carreira do meu pai, que é servente”, diz o garoto. A mãe dele trabalha como doméstica numa casa em Natal e só retorna à Capoeira nos finais de semana.

O contato com os vizinhos urbanos foi facilitado graças à infra-estru-

tura rodoviária que Capoeira ganhou em seus acessos. Apesar de distante de Macaíba, a maior parte do trajeto é asfaltada. Dentro da comunidade, as casas são quase todas de alvenaria e as ruas principais pavimentadas. O cenário, no entanto, é de uma cidade rural, com carros-de-boi circulando carregados com a colheita, gente na calçada e pouco trânsito.

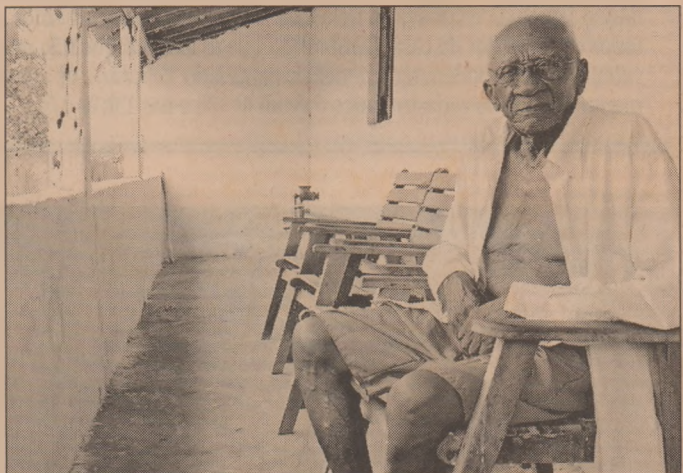
COSTUMES

Da religião herdada pelos africanos, pouco ou quase nada se vê em Capoeira dos Negros. De acordo com Manoel Batista, a última praticante do Candomblé está bastante velha e sequer vive mais na comunidade. Os fiéis do local estão divididos entre duas igrejas protestantes e uma católica. O pouco que resta de cultura é a dança Zambê, autenticamente africana. “Mas é muito raro, não é como antigamente”, afirma o presidente da associação quilombola.

Para Manoel Batista, o trabalho iniciado pelo Incra deve propiciar ins-

PERSONAGEM DA NOTÍCIA

“Veja coisas hoje que nem imaginava”



O agricultor Manoel Pedros de Moura, 94 anos, é um dos moradores mais antigos de Capoeira dos Negros. Com nove filhos, um tanto de netos e bisnetos (ele não sabe a quantidade exata), o quase centenário quilombola vê as novas gerações surgirem enquanto tudo muda na comunidade. “Coisas que eu vejo hoje, meus pais e avós nem imaginavam”, diz o velho descendente de escravos, que apesar da idade não sabe exatamente como os antepassados ocuparam a terra.

“Isso veio aumentar de 60 para cá. Quando eu era criança tinham cinco ou seis casas por aqui”, lembra Manoel Moura. “Eu alcancei o pau furado e o zambê. Era assim

que a gente se divertia”, conta ele, se referindo às danças afro-descendentes que hoje praticamente não vê mais em Capoeira. Ir até o centro de Macaíba, segundo ele, demorava até dois dias. “Hoje o povo vai e volta todo dia, até para Natal”.

Apesar da idade, Manoel Moura ainda trabalha na agricultura. Acorda por volta das 4h, vai de carroça até o roçado, onde passa a manhã quase toda na atividade que exerce desde de criança. “Nasci dentro da agricultura”, diz. Todos os seus filhos também seguiram o ofício. Manoel Moura vive sozinho em uma casa, num terreno onde nas outras casas moram os filhos, netos e bisnetos. “Nossas terras são herança da família.”

Dois meses de convívio com comunidades

Durante o trabalho de pesquisa, os antropólogos precisavam conviver durante cerca de dois meses nas comunidades quilombolas. No caso do professor Luiz Assunção, a experiência foi na comunidade de Jatobá, no município de Patu. Antes disso, no início da década de 80, ele já havia estudado os quilombolas do Negros do Riacho, no Seridó.

Para Assunção, o que mais chamou atenção na pesquisa é a forma como a sociedade tem visto essas comunidades. “Há um novo olhar. Não é que o preconceito tenha acabado, mas é a visibilidade que eles têm agora”, diz. Outro ponto destacado pelo professor é que os próprios quilombolas se identificam como negros. “É um processo de identidade bastante acentuado”, comenta.

De acordo com Assunção, no primeiro contato com a comunidade, o pesquisador capta os dados iniciais como modo de vida dos moradores. Com base nesses dados, o trabalho passa à questão da terra: tamanho, localização, limites. Por fim, o antropólogo busca informações históricas, culturais, sociais. Para isso, é preciso recorrer a arquivos de cartório, fóruns e igrejas. “Em média, a elaboração de um relatório dura nove meses”, diz ele.

O antropólogo constatou ainda a presença do catolicismo e do folclore nas comunidades em que trabalhou. “Outra coisa muito interessante é como eles se organizam para trabalhar a terra de forma coletiva. Todos se ajudam e não há confusão”, conta. Apesar do desenvolvimento das comunidades, Assunção avalia que o acesso a equipamentos de trabalho ainda é muito difícil nas comunidades quilombolas.



Na comunidade da Capoeira dos Negros os costumes são os de antigamente

trumentos para uma maior desenvolvimento da comunidade. “É muito bom termos o direito ao título de propriedade porque poderemos passar nossas casas legalmente para nossos filhos e ter acesso a crédito e assistên-

cia técnica rural”, avalia. A intenção é aumentar as fontes de renda com equipamentos como uma casa de farinha que está sendo construída através de uma parceria do governo federal com a Petrobras.

Esquema do carnaval

Os turistas e foliões que escolheram Pirangi do Norte para passar o carnaval devem ficar atentos às mudanças no trânsito. A as linhas interbairros até à praia terão o itinerário modificado. Com a mudança, as vans não poderão seguir até a praça São Sebastião como ocorre normalmente. Ao entrar em Pirangi pela avenida São Sebastião, os transportes interbairros só vão poder seguir até a rua Sátino de Macedo, de onde devem retornar para Parnamirim. Além dos 16 veículos interbairros da linha 6 - Parnamirim/Pirangi do Norte, outros 25 das linhas 1, 2, 3, 4 e 5 também devem seguir a alteração que visa desafogar o trânsito nas avenidas de maior movimento durante a folia de momo. Diariamente, vão passar em Pirangi mais de 40 veículos interbairros.

UTI DO CARNAVAL - O Bar do Gordo, tradicional pela infindável variedade de tira-gostos, já colocou placa de aviso comunicando a abertura na segunda de carnaval. Segundo o seu proprietário, nada melhor do que o bom caldo para curar e levantar a moral no período. E de petiscos o Bar do Gordo é mestre.

FORA DE ÓRBITA - Muita gente saiu da cidade para o carnaval de Recife. Os amigos Paulo Roberto e Charles Bote foram para Olinda. Ficaram na casa de Antônio Lopes (ex-TV Cabugi). Aproveitam os ares pernambucanos e esticarão até Porto de Galinhas.

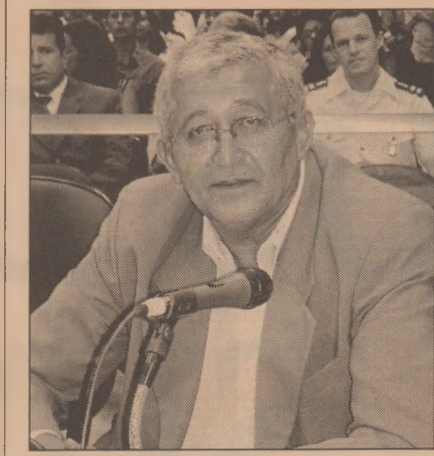
RECADASTRAMENTO - As famílias cadastradas no Programa Bolsa Família do Governo Federal devem fazer o recadastramento na sede do Cadastro Único. O responsável pela casa deve levar os documentos de todos os membros da casa. Lembrando que as famílias que não renovarem os dados podem ter o benefício cancelado. O horário de atendimento da sede do cadastro único é de 8h às 12h e das 13h às 17h.

ESCOLA MODELO

O bairro de Cajupiranga foi beneficiado com o investimento de cerca de R\$ 750 mil para a construção do complexo educacional Edmo Pinheiro Pinto. Com área construída de mais de 1.000 metros quadrados, a unidade de ensino tem capacidade para atender a 300 alunos nos três turnos e funciona este ano. O vice-prefeito Maurício Marques, um dos entusiastas da construção do complexo educacional disse que o prefeito Agnelo Alves sempre acalentou o sonho de construir uma escola modelo para aquela comunidade, e saldava ali uma dívida com a comunidade.

PODE IR

O advogado Armindo Albuquerque e mulher Edilza estão aquartelados em Pirangi. Num bunker onde o uísque mais fraco é o Loogan 12 anos. Convida os amigos para a festa de carnaval. Quem não souber o endereço pode pedir informação ao Dr.



José Cordeiro, outro grande cara, amigo e irmão-camarada.

AVISO AOS NAVEGANTES

Cid e Rejane - ela da procuradoria da Assembléia Legislativa -, abrem sua casa de Tabatinga para os amigos. Comida free, mas a bebida é por conta do visi-

tante, pois segundo Cid, casa de praia à beira-mar dá trabalho e custa caro.

LÁ DE BÚZIOS

Getúlio Ribeiro (Redenção) e família recebem os amigos e foliões em Búzios. Getúlio é candidatíssimo a prefeito de Várzea, na Região Agreste. Nos

últimos dias tem recebido muitas adesões ao seu projeto de governar o município de Várzea, inclusive gestiona um grande apoio do PMDB que pode ser decisivo para sua vitória. As conversas estão adiantadas e o desfecho lhe será favorável, segundo confidenciais os amigos.

Parnamirim RN

jco@diariodenatal.com.br

JOSÉ CARLOS OLIVEIRA

Joana Lima/DN



De acordo com o Padre José Freitas Campos, coordenador da CF da Arquidiocese de Natal, o lema foi retirado do livro do Deuteronômio

MOBILIZAÇÃO CAMPANHA DA FRATERNIDADE DOS CATÓLICOS VAI REFORÇAR LUTA CONTRA O ABORTO NO BRASIL

Igreja se mobiliza pela vida

SILVIA RIBEIRO DANTAS
DA EQUIPE DE O POTI

A Campanha da Fraternidade (CF) é uma iniciativa nacional da Igreja Católica, que tem o intuito de despertar o espírito comunitário, voltar os cristãos para a busca do bem comum, educar para a vida em fraternidade, renovar a consciência da responsabilidade, construindo, assim, uma sociedade justa e solidária. A campanha sempre é lançada, em nível nacional, na quarta-feira de cinzas e dura toda a Quaresma. No Domingo de Ramos, um domingo antes da Páscoa, é promovida a coleta da solidariedade, em todas as comunidades cristãs católicas e ecumênicas do Brasil e o dinheiro arrecadado é destinado para a própria paróquia e a Diocese aplicarem em programas de promoção humana, além das representações regional e nacional da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil).

Este ano, a CF terá como tema *Fraternidade e defesa da vida* e o lema *Escolhe, pois, a vida*. De acordo com o Padre José Freitas Campos, coordenador da CF da Arquidiocese de Natal, o lema foi retirado do livro do Deuteronômio (capítulo 30, versículo 19) e o objetivo principal da campanha é levar a sociedade a defender e promover a vida, desde a sua concepção até a sua morte natural, mostrando que todos têm responsabilidade na defesa da vida que existe no planeta Terra. "Queremos defender o direito de nascer, viver e morrer. E, neste sentido, as maiores ameaças têm sido o aborto, a eutanásia, a falta de qualidade de vida e a banalidade da violência", completou o padre.

O padre Campos lembra que a proteção à vida deve fazer parte das ações diárias de todos os indivíduos. Para concretizar a proposta geral, a Igreja pretende desenvolver junto aos fiéis, uma concepção de pessoa capaz de fundamentar adequadamente as ações em defesa da vida, preservando o corpo e o espírito, fortalecendo a família e acabando a violência doméstica. "A vida é um todo e não tem religião, partido ou situação social. Dessa forma, a proteção à vida ultrapassa qualquer concepção pessoal", destacou.

A campanha do ano de 2007 focalizava a Amazônia, procurando conscientizar a população que a res-

É bom lembrar que a cada ano não temos uma novidade e a Campaha da Fraternidade é uma continuidade

Padre Campos, coordenador da campanha

ponsabilidade em cuidar do patrimônio natural do país é de todos os cidadãos. Uma parte da coleta da solidariedade foi enviada para os estados que compõem a Amazônia brasileira, para ser investido em programas sociais. "É bom lembrar que a cada ano não temos uma novidade e a CF é uma continuidade. A de 2008 tem tudo a ver com a do ano passado e estamos ampliando o tema da defesa da vida, porque a vida é um dom de Deus e apenas Ele pode tirá-la", destacou o padre.

Nos dias 15 e 16 de fevereiro, a campanha será lançada no Regional Nordeste II, que compreende as Dioceses do Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e Alagoas. O lançamento da campanha na Arquidiocese de Natal ocorrerá em 22 de fevereiro, com uma caminhada do bairro de Mãe Luiza até a Catedral Metropolitana, onde será realizada uma celebração para marcar a data.

O QUE É A CF

A Igreja Católica brasileira realiza anualmente uma iniciativa de evangelização, chamada Campanha da Fraternidade. A campanha é coordenada pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e a cada ano são escolhidos um tema e um lema. A promoção e a vivência da campanha ocorrem durante liturgia, catequese, encontros de grupos de famílias, mesas-redondas, palestras, seminários e cursos. Sua duração coincide sempre com o período da Quaresma e o lançamento nacional é realizado na quarta-feira de cinzas.

Com a Campanha da Fraternidade a Igreja Católica busca a transformação da sociedade, a partir de problemas específicos, tratados à luz da doutrina social da Igreja Católica. Nesse período, é realizada uma ampla atividade de evangelização e conscientização, como parte de um processo que visa formar nas comunidades o espírito de conversão, renovação e ação comunitária que a Qua-

resma evoca, incentivando os fiéis a praticarem a caridade e ajuda ao próximo.

HISTÓRIA

A Campanha da Fraternidade (CF) surgiu no ano de 1961, quando três padres responsáveis pela Cáritas Brasileira idealizaram uma maneira de arrecadar fundos para as atividades assistenciais e promocionais da instituição e torná-la autônoma financeiramente. A primeira CF ocorreu na quaresma do ano seguinte, na Arquidiocese de Natal, com adesão de outras três Dioceses e apoio financeiro dos Bispos norte-americanos.

Nos dois primeiros anos, a campanha ficou restrita à região Nordeste e não obteve êxito financeiro, mas promoveu o desenvolvimento de um projeto que será realizado pela 44ª vez este ano, com participação da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) e Igrejas Particulares em todo o país. Uma resolução do Concílio Vaticano II, a maior e mais importante reunião da igreja católica, transformou a campanha em um projeto nacional, realizado nesses moldes pela primeira vez no ano de 1964. A mensagem do Papa, em rede de rádio e televisão, abrindo a campanha durante a quarta-feira de cinzas foi instituída no ano de 1970.

SAIBA MAIS

POR QUE É REALIZADA DURANTE A QUARESMA?

Para a Igreja Católica, a CF é um instrumento para pôr em prática o espírito quaresmal de renovação interior a partir da realização da caridade, que é a verdadeira penitência que os católicos devem cumprir enquanto esperam a chegada da Páscoa. Assim, a campanha é a celebração da quaresma, pela Igreja no Brasil.

ANUNCIE: 4009.0200

WWW.DNONLINE.COM.BR

DIÁRIO
DE NATAL

Comprometido só com o leitor

ASSOCIADOS
RIO GRANDE DO NORTE